



O Brasil das ditaduras: Graciliano Ramos, em *Memórias do cárcere*

Brazil of dictatorships: Graciliano Ramos in *Memórias do cárcere*

Dossiê

Regina Zilberman*

ORCID: 0000-0002-0834-214X

E-mail: regina.zilberman@gmail.com

Recebido: 17/10/2021

Aprovado: 31/03/2022

Resumo:

Graciliano Ramos foi preso em 1936, permanecendo encarcerado até o início de 1937. Nunca houve a formalização do processo, de modo que não se esclareceram as causas do confinamento. Os eventos desse período ficaram gravados em sua mente, vindo a ocupar lugar de relevo em sua obra, desde *Vidas Secas*, de 1938, a *Memórias do Cárcere*, publicado postumamente sem ter sido concluído.

Palavras-chave:

Graciliano Ramos. *Memórias do Cárcere*. Memorialismo. Ditadura. Prisão.

Abstract:

Graciliano Ramos was arrested in 1936, remaining incarcerated until early 1937. The process was never formalized, so the reasons for the confinement were not clarified. The events of this period were engraved in his mind, occupying a prominent place in his work, from *Vidas secas* (*Barren lives*), from 1938, to *Memórias do cárcere* (*Memories of Prison*), published posthumously without having been completed.

Keywords:

Graciliano Ramos. *Memories of Prison*. Memorialism. Dictatorship. Imprisonment.

Aqui não há direito. Escutem. Nenhum direito. Quem foi grande esqueça-se disto. Aqui não há grandes. Tudo igual. Os que têm protetores ficam lá fora. Atenção. Vocês não vêm corrigir-se, estão ouvindo? Não vêm corrigir-se: vêm morrer.
Graciliano Ramos (1954, p. 80).

Em *Memórias do cárcere*, Graciliano Ramos narra o período, entre 3 de março de 1936 e 13 de janeiro de 1937, em que esteve na prisão por motivos nunca juridicamente esclarecidos. Em Maceió, onde residia e foi encarcerado, não foi formalizada qualquer acusação; sua liberação não foi precedida de um julgamento. Assim resumido, o procedimento assemelha-se ao que Franz Kafka narra em seu romance *O processo*, exceto, à primeira vista, o final, já que o escritor, depois de deixar a Casa de Correção, no Rio de Janeiro, permaneceu na cidade até falecer, em 1953.

* Doutorado em Romanística, Universidade de Heidelberg. Docente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

É bem depois desses acontecimentos, “casos passados há dez anos” (Ramos, 1954a, p. 5), que o escritor alagoano, já então aclamado por obras como *Angústia* e *Vidas secas*, enceta a redação das *Memórias do cárcere*. A se julgar pela declaração constante nas linhas iniciais do primeiro volume, o processo principia em 1946, hipótese corroborada por Clara Ramos, que reproduz o copião do capítulo de abertura, “iniciado em 22 de janeiro de 1946 e concluído três dias depois” (RAMOS, 1992, p. 31). A publicação do livro, porém, ocorre postumamente, tendo o volume final permanecido inacabado, lacuna que provavelmente estimulou Silviano Santiago a elaborar o romance *Em liberdade* (1981), em que imagina o diário que Graciliano Ramos teria redigido ao sair da prisão, em janeiro de 1937. O primeiro registro da ficção concebida por Santiago data de 14 de janeiro (Santiago, 1981, p. 27) e parece responder às páginas finais de *Memórias do cárcere*, em que o novelista comenta, em curto diálogo com Ricardo Ramos, seu filho: “Que é que você pretende com o último capítulo? / Sensações da liberdade” (RAMOS, 1954d, p. 161).

Não é, porém, em *Memórias do cárcere* que Graciliano relata pela primeira vez em que consiste a experiência do confinamento. Na pele de Fabiano, protagonista de *Vidas secas*, propõe uma primeira representação do confronto entre a autoridade policial e o cidadão acusado de um delito que desconhece, o encarceramento desprovido de incriminação e a liberação sem julgamento prévio.

O episódio aparece no terceiro capítulo de *Vidas secas*, quando Fabiano dirige-se à cidade para comprar mantimentos. Depois de perambular em busca dos produtos encomendados por Sinhá Vitória, vai à bodega e, em vez de adquirir a querosene solicitada pela esposa, bebe um gole de pinga. De novo na rua, é abordado pelo “soldado amarelo” (RAMOS, 1938, p. 38) que o chama para jogar cartas, convite que teme rejeitar, afinal, o amarelo “era autoridade e mandava”, enquanto ele “sempre havia obedecido” (RAMOS, 1938, p. 39). Perde no jogo e parte, ponderando sobre as explicações a oferecer, já em casa, a Sinhá Vitória. Perdido em pensamentos, não percebe a nova abordagem do militar, que o provoca com agressões até ser ofendido pelo vaqueiro. Apoiado pelo “destacamento da cidade”, o soldado o conduz à cadeia, onde o Fabiano “ouv[e] sem compreender uma acusação medonha” (RAMOS, 1938, p. 42), não alcançando defender-se. Apanha de facão e é colocado numa cela, ainda sem entender o que acontecera: “Por que tinham feito aquilo? Era o que não podia saber” (RAMOS, 1938, p. 43). Embora de modo confuso, Fabiano questiona-se internamente, procurando identificar por que teria sido preso. Cogita que o fato se deva às suas dificuldades de expressão: “Estava preso por isso? [...] Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito?” A seu ver, não podia ter “culpa de ser bruto”; e pergunta a si mesmo: “quem tinha culpa?” (RAMOS, 1938, p. 48).

Publicado em 1938, *Vidas secas* é o livro subsequente ao período de encarceramento, tendo sido “totalmente escrito no segundo semestre de 1937”, conforme Clara Ramos (RAMOS, 1992, p. 30). Por isso, e ainda que Graciliano informe ter incorporado “cenas da vida de Buíque” (BARBOSA, 2014, p. 120),¹² o capítulo “Cadeia” pode ser entendido como uma primeira aproximação e, sobretudo, interpretação dos acontecimentos vinculados à sua detenção. Tal como Fabiano, o escritor foi preso sem saber o motivo, mas provavelmente porque, como sugere Clara

1. Originalmente em: *Diretrizes*, Rio de Janeiro, Ano V, n. 122, p. 12-13, 29 de out. 1942. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=163880&pasta=ano%20194&pesq=Graciliano%20Ramos>. Acesso em: 6 maio 2018. Reproduzida em: LEBENSZTAYN; SALLA, 2014, p. 110-121.

2. Em carta de 1944 a João Condé, reproduzida em *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, Ano XXV, n. 28, p. 65, de 18 de abr. 1953, o escritor é mais minucioso a respeito da origem das personagens de *Vidas secas*: “No começo de 1937 utilizei num conto a lembrança de um cachorro sacrificado na Maniçoba, interior de Pernambuco, há muitos anos. Transformei o velho Pedro Ferro, meu avô, no vaqueiro Fabiano; minha avó tomou a figura de Sinhá Vitória; meus tios pequenos, machos e fêmeas, reduziram-se a dois meninos.” Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003581&pasta=ano%20195&pesq=Vidas%20Secas>. Acesso em: 13 maio 2018.

Ramos (RAMOS, 1992, p. 66)³, respondeu de modo ríspido ao general que o interpela no quartel em Recife, justificativa similar, sob esse prisma, à que suscitou o encarceramento de Fabiano. E, como o vaqueiro, o escritor sofreu humilhações durante o cativo, tendo sido libertado sem culpa reconhecida.

Contudo, a redação de “Cadeia” dificilmente pode ser entendida como catártica. Fabiano é solto, mas não se sente livre, e suas rumações levam-no permanentemente a imaginar se não deveria ter tomado alguma atitude de vingança. Nesse capítulo e depois, quando reencontra o soldado amarelo, agora perdido no sertão, ele conclui estar impossibilitado de dar vazão à sua vontade de revanche, pois tinha família e precisava zelar por ela. Engole o desagravo, mas esse gesto também não traz conforto, pois sabe que, assim agindo, não altera a situação de arbítrio de que fora vítima.

Embora se perceba como um bicho, ou alguém, de escassos recursos intelectuais, com dificuldades de expressão linguística, razão, segundo ele, de várias das adversidades por que passa, Fabiano parece entender que a subalternidade econômica que o vitimiza, bem como a responsabilidade diante da esposa e dos filhos, impedem-no de agir de outra maneira. Por sua vez, a necessidade de submissão à autoridade faz com que ele internalize o trauma, sem superá-lo. A única compensação é narrar o evento desde uma perspectiva glorificante, como faz no capítulo “Inverno”, em que, à sua moda, reproduz o episódio aos filhos.

O sétimo capítulo, “Inverno”, não sucede imediatamente à “Cadeia”, que é o terceiro do livro. Antes dele, a cada uma das personagens é consagrado um capítulo específico: “Sinhá Vitória” (IV), “O menino mais novo” (V) e “O menino mais velho” (VI). Apresentada a família (“Fabiano” é o nome do segundo capítulo), o narrador mostra-a “reunida em torno do fogo”, que, assim, se protegia do frio “medonho” resultante do vento e da chuva. O vaqueiro conta o ocorrido: a “surra de facão” recebida do soldado amarelo que o “metera na cadeia”; porém, em seu relato, o episódio transforma-se em “façanhas” (RAMOS, 1938, p. 98), “um fuzuê terrível”, em que ele “esquecia as pancadas e a prisão, sentia-se capaz de atos importantes. [...] Fabiano, seguro, baseado nas informações dos mais velhos, narrava uma briga de que saíra vencedor. A briga era sonho, mas Fabiano acreditava nela” (RAMOS, 1938, p. 99).

A narrativa *a posteriori* pode ter um fundo compensatório e suplantar o trauma⁴, resultado que supostamente pode ter conduzido Graciliano a transferir para *Vidas secas* o próprio tempo de encarcerado. Por sua vez, a experiência de recuperar a infância em livro publicado em 1945 provavelmente ensinou ao escritor ser possível reproduzir o passado penoso e sair dele com algum ganho. *Infância*, cujo capítulo de abertura denomina-se “Nuvens” e dá conta da “primeira coisa que guardei na memória” (RAMOS, 2011, p. 9), quando o autor tinha entre dois e três anos, encerra com a libertação do sujeito narrador, cujas frases finais aludem à “figura que [o] perseguia à noite” e que “serenou e fugiu. E a outra, nuvem colorida, evaporou-se” (RAMOS, 2011, p. 268).

Da passagem das primeiras às últimas nuvens, o eu narrador encontrou alguma liberdade existencial e tranquilidade pessoal. Esse resultado pode ter fomentado a escrita da sua temporada pelas masmorras do Estado Novo, em obra que, originalmente, deveria chamar-se *Cadeia* (RAMOS, 1992, p. 27) e que, em trechos antecipados na imprensa, denominou-se “Cena de

3. “Está hoje fora de dúvida que o general foi de fato o mandante da prisão, devendo ter sido também, depois do diálogo de Recife, o responsável por sua duração e endurecimento das condições carcerárias” (RAMOS, Clara, 1992, p. 67).

4. A respeito da representação do trauma, cf. SANTNER, 2007.

prisão” e também “Memórias da cadeia”.⁵ Nesse sentido, tal como ocorrera antes do lançamento de *Infância* – em que o escritor retoma fatos aos quais já se referira em entrevistas concedidas a periódicos dos anos 1940, em *Memórias do cárcere* reaparecem episódios que constituíram reportagens de revistas e suplementos literários entre 1939 e 1945.

José Condé assina uma das primeiras matérias, difundida em *O Cruzeiro* de 15 de abril de 1939. O repórter procede a um retrospecto da vida de Graciliano desde o nascimento até o presente. No penúltimo parágrafo, aborda o encarceramento de Graciliano que, na ocasião, concluía a redação de *Angústia*, seu terceiro romance. Começa por se referir à “grande campanha política”⁶ “movida contra Graciliano Ramos”, o que determinou sua “prisão por ocasião do levante revolucionário do Norte, de fins de 1935 até março de 1936.” Por causa disso, “embarca preso para o Rio”; é quando José Olympio oferece-se para publicar *Angústia* – “isto na véspera de partir a ilha Grande, numa leva de presos políticos”. Condé minimiza o fato, ao informar que, “adoecendo na prisão, [Graciliano] passa dois meses na enfermaria, no fim dos quais é finalmente posto em liberdade” (CONDÉ, 2014, p. 84).⁷

O jornalista, redigindo sobre o escritor que se fazia famoso ao final da década de 1930, não se sente à vontade ao debater a prisão de Graciliano como fato político, tornando-a circunstancial e até tolerável, já que, de certo modo, beneficiara o romancista: permitira o deslocamento para a Capital Federal, facilitara a impressão de seu romance e, do cárcere, conhecera a enfermaria, não as celas onde os outros presos estavam confinados.

Poucos dias depois dessa reportagem, Joel Silveira publica, em *Vamos ler!* de 20 de abril, um artigo sobre a vida de Graciliano, relatada a partir de suas declarações. Dentre essas, o romancista refere-se à transferência para o Rio de Janeiro, exposta de modo ambíguo, à semelhança do que ocorre no texto de Condé: “Mudei-me para o Rio, ou antes mudaram-me para o Rio, onde existo até agora” (SILVEIRA, 2014a, p. 92).⁸

Em tempos de regime ditatorial, censura às dissidências e propaganda ostensiva do governo, não seria recomendável às revistas semanais enfrentarem o poder. Situação similar encontra-se na matéria que Francisco de Assis Barbosa redige para *Diretrizes*, publicada em outubro de 1942, em volume dedicado ao escritor que, naquele mês, completava cinquenta anos. Em seu texto,

5. Ver RAMOS, Graciliano. Cena de prisão. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, Suplemento de Literatura e Arte, 15 jan. 1950. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano%20195&pesq=Cena%20de%20pris%C3%A3o. Acesso em: 18 out. 2018; bem como RAMOS, Graciliano. Página inédita de “Memórias da cadeia”. *Fundamentos*, São Paulo, n. 1, jun. 1948. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=102725&pasta=ano%20195&pesq=Mem%C3%B3rias%20da%20cadeia>. Acesso em: 18 out. 2018

6. Provavelmente Condé se equivoca, pois a campanha, promovida por intelectuais e escritores, visava à liberação do escritor.

7. Originalmente em *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, p. 12, de 15 de abril de 1939. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&PagFis=22849&Pesq=Graciliano%20Ramos>. Acesso em: 6 maio 2018. Reproduzida em: LEBENSZTAYN; SALLA, 2014, p. 81-84.

8. Originalmente em *Vamos ler!*, Rio de Janeiro, Ano IV, n. 142, p. 10, de 20 de abril de 1939. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=183245&pasta=ano%20193&pesq=Graciliano%20Ramos>. Acesso em: 11 maio 2018. Reproduzida em: LEBENSZTAYN; SALLA, 2014, p. 88-93. Trecho dessa matéria reaparece em *Diretrizes*, em texto não assinado. Ver “Graciliano Ramos”. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, Ano IV, n. 58, 31 jul. 1941. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=163880&pasta=ano%20194&pesq=Graciliano%20Ramos>. Acesso em: 6 maio 2018.

denominado “A vida de Graciliano Ramos”, Barbosa refere-se ao “incidente desagradabilíssimo” que, em 1936, “desorganizou por completo a vida de Graciliano Ramos”, quando “o escritor é trazido para o Rio, contra a vontade” (BARBOSA, 2014, p. 118).⁹

Francisco de Assis Barbosa também se rendeu às pressões da censura, razão por que, quando reedita a matéria, agora intitulada “Graciliano Ramos, aos cinquenta anos”, no livro *Achados ao vento*, de 1958, acrescenta a informação (reproduzida pelos organizadores do volume *Conversas*) que esclarece por que se mostrou tão esquivo: “Escrita e publicada esta reportagem em plena ditadura, o autor teve de usar eufemismos, ao tratar da prisão de Graciliano Ramos, tema de *Memórias do cárcere*, o mais veemente dos libelos contra o Estado Novo” (LEBENSZTAYN; SALLA, 2014, p. 128).

A situação é outra em 1946 pois, enquanto Graciliano iniciava a redação das memórias, o país experimentava a redemocratização. Talvez por essa razão as matérias relativas ao tempo de carceragem podem expor com clareza o que, em escritos anteriores, aparecia de modo simulado. É o que o escritor comenta em entrevista a Armando Pacheco, publicada em *Vamos ler!*: “Contarei um dia, se puder, o que me sucedeu em 1936: descreverei o Pavilhão dos Primários, a Sala da Capela, a Colônia Correcional de Dois Rios. É no livro que tenciono escrever um dia, falarei sobre coisas que não puderam ser ventiladas ainda” (PACHECO, 2014, p. 168).¹⁰

A reportagem de Armando Pacheco data de 25 de outubro, mas, antes disso, na coluna “Panorama literário”, de *Vamos ler!*, antecipava-se a intenção de Graciliano Ramos, que prometia “escrever um livro em dois ou três volumes sobre suas impressões dos presídios, por onde passou depois dos agitados meses da revolução de novembro de 1935.” Complementa o redator: “será sem dúvida um depoimento sensacional de nossas lutas políticas dos últimos tempos”.¹¹

Manifestações dessa natureza sugerem que o projeto de que resultaram as *Memórias do cárcere* tomava forma no segundo semestre de 1945, na sequência do lançamento de *Infância*. Assim, em entrevista concedida a Rui Facó, publicada na *Tribuna Popular*, o repórter comenta, a partir de declaração do escritor:

Revela-nos, porém, que dará início, em breve, a um livro sobre a prisão, uma de suas grandes experiências vividas. Foi depois de 1935. O maior romancista vivo do Brasil foi levado pela famigerada polícia política de então à Colônia Correcional de Dois Rios, onde viveu como preso comum, com a roupa zebrada dos criminosos, condenado a trabalhos forçados, de cabeça raspada, por simples suspeita de ser comunista! Nenhum fato concreto, nenhuma prova. (FACÓ, 2014, p. 157).¹²

9. Originalmente em *Diretrizes*, Rio de Janeiro, Ano V, n. 122, p. 12-13, 29 de outubro de 1942. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=163880&pasta=ano%20194&pesq=Graciliano%20Ramos>. Acesso em: 6 maio 2018. Reproduzida em LEBENSZTAYN; SALLA, 2014, p. 110-121.

10. Originalmente em *Vamos ler!*, Rio de Janeiro, Ano IX, n. 182, p. 27. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=183245&PagFis=23873&Pesq=Graciliano%20Ramos>. Acesso em: 11 maio 2018. Reproduzida em: LEBENSZTAYN; SALLA, 2014, p. 164-168.

11. Panorama Literário. *Vamos ler!* Ano IX, n. 466, 5 de julho de 1945. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=183245&pasta=ano%20194&pesq=Graciliano%20Ramos>. Acesso em: 11 maio 2018.

12. Originalmente em *Tribuna Popular*, Ano I, n. 64, 26 de agosto de 1945. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154547&PagFis=652&Pesq=Graciliano%20Ramos>. Acesso em: 12 maio 2018. Reproduzida em: LEBENSZTAYN; SALLA, 2014, p. 157-162.

Também em entrevista de Joel Silveira para a *Revista do Globo*, de Porto Alegre, Graciliano menciona as “lembranças de seus dias de encanado” (SILVEIRA, 2014b, p. 174),¹³ declaração antecipada por uma descrição nada comedida dos tempos de prisão:¹⁴

Em 1936, em Maceió, um homem foi arrancado de sua casa e metido no xadrez. Foi tirado depois do xadrez e empurrado para o porão de um navio, que o trouxe para um novo xadrez, aqui no Rio. O homem passou perto de oito meses na prisão carioca, de mistura com meliantes, punguistas, assassinos e muitos outros homens que ali expiava um crime idêntico ao seu: o crime de ter pensado e agido livremente. (SILVEIRA, 2014b, p. 173).

A entrevista a Joel Silveira consta na edição de 9 de fevereiro de 1946, época em que Graciliano começava a redigir as memórias, com personagens previamente definidas, entre elas Castro Rebelo e, sobretudo, o Gaúcho, mencionados ao repórter, e cujo planejamento tinha de antemão arquitetado, como sugerem as palavras dirigidas a Armando Pacheco em 1945.

No fac-símile reproduzido por Clara Ramos, em *Cadeia*, não há diferenças substanciais entre as primeiras e a última versão do capítulo inaugural, considerado pela filha de Graciliano uma forma de prefácio, o que sugere ter ele, na ocasião, dado apenas os primeiros passos naquilo que viria a constituir o produto final. Assim, as entrevistas reforçam a hipótese de que o plano original das *Memórias* se aproximasse de *Infância*, obra de desenvolvimento linear, mas constituída de partes independentes, como se tratasse de contos ou crônicas a serem lidos separadamente.

Contudo, o resultado desembocou em uma obra bastante diversa. É preciso abater dessa conta o fato de que Graciliano não procedeu a uma revisão final, ele que parecia bastante rigoroso com seus textos, como evidencia matéria publicada no *Diário de Notícias*, reproduzindo o depoimento de Osório Borba: “Graciliano Ramos escreve em papel sem pautas, de um só golpe, ao calor da composição. A forma definitiva vem depois. Emenda muito. Às vezes risca linhas inteiras. As palavras morrem sob o traço forte de tinta de uma igualdade assombrosa” (PARA, 1947, p. 4).

Nesse sentido, é sintomática a referência a Castro Rebelo, citado a Joel Silveira, que aparece em *Pavilhão dos Primários*, com a seguinte caracterização:

Entre os civis, notei, além de Hermes Lima, dois professores universitários. Castro Rebelo, meia-idade, nariz semítico, falava martelando o pormenor e detestava as conclusões apressadas. A erudição acompanhava-o nos casos mais simples. Precedera-o forte publicidade. Encontrei-o na fila do almoço, metido num largo pijama de listras, e, em meia dúzia de palavras, conheci-lhe a independência violenta. O outro era Leônidas Resende. Vivia retraído, murcho, deitado, a engordar, logros e desânimos ocultos debaixo da coberta; distinguíam-se apenas um. olhar cansado e um sorriso fraco.

Dois médicos judeus. (RAMOS, 1954b, p. 156-157).

13. Originalmente em *Revista do Globo*, São Paulo, v. 18, n. 404, p. 33, 9 de fevereiro de 1946. Reproduzida em: LEBENSZTAYN; SALLA, 2014, p. 173-177.

14. Igualmente categóricas são as declarações em entrevista concedida doze meses depois, em 12 de fevereiro de 1947, a *Tribuna Popular*, que encerra com uma acusação direta a Getúlio Vargas: “Tudo isso não pode ser resumido assim numa entrevista e se encontra nas *Memórias* que estou escrevendo. Será mais um documento para provar como o ditador Vargas perseguiu a democracia em nossa terra, e que se não a liquidou, como pretendia, é porque ela não se esmaga.” (“Graciliano Ramos recorda: Febre, polinevrite e tuberculose. Heranças do presídio da Ilha Grande”, in: LEBENSZTAYN; SALLA, 2014, p. 186). Originalmente em *Tribuna Popular*, Rio de Janeiro, II, n. 523, p. 3. 12 de fevereiro de 1947. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=154547&pasta=ano%20194&pesq=Graciliano%20Ramos>. Acesso em: 4 jun. 2018. Reproduzida em: LEBENSZTAYN; SALLA, 2014, p. 179-187.

No quarto volume, essas informações, agora de forma mais sintética, são reiteradas:

Alheio às conversas, detinha-me na observação do ambiente e passava os dedos nos pelos ásperos do rosto. Além de Castro Rebelo, divisei os outros dois professores da universidade: Hermes Lima e Leônidas de Resende. Também avistei Gikovate e Karacik, os médicos judeus, Francisco Mangabeira, Agildo, Moreira Lima, Sisson, Apporelly, Cascardo. (RAMOS, 1954d, p. 11).

Repetições desse tipo sugerem que Graciliano não teve tempo de revisar o texto, para evitar as recorrências. Ainda que, na parte final de *Memórias do cárcere*, Ricardo Ramos pareça minimizar o fato de o livro ter permanecido inacabado (RAMOS, 1954, p. 162-164), é de supor que o escritor alagoano não deixaria passar mesmo pequenos e inconsequentes deslizes.

No entanto, *Infância e Memórias do cárcere* obedecem a poéticas distintas. Compartilham, sim, a linearidade cronológica, mas o segundo preocupa-se com a articulação entre as partes, a ponto de propor ganchos narrativos que ligam os volumes individuais. É expressiva a passagem do volume II – *Pavilhão dos Primários* – ao III – *Colônia Correccional* –, ao optar por terminá-lo por uma pergunta:

Pouco adiante estacamos, abriu-se uma porta. Dormiríamos ali, disse um guarda, sairíamos no dia seguinte.

– Para onde?

Respondeu que não sabia. (RAMOS, 1954b, p. 243).

A diferença entre os dois modelos narrativos não impediu que Graciliano liberasse trechos independentes da obra antes de sua publicação. O *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, por exemplo, divulgou “Cena de prisão”, “Paraíba” e “Euclides de Oliveira” respectivamente em 15 de janeiro de 1950, 19 de abril de 1952 e 17 de maio de 1952¹⁵, segmentos pertencentes, com pequenas modificações, aos capítulos 13, do primeiro volume (“Viagem”), capítulo 25 do terceiro volume (“Colônia Correccional”) e capítulo 24, do segundo volume (“Pavilhão dos Primários”).¹⁶ Das vivências na prisão, extraiu também o enredo de “Um ladrão”, narrativa, porém, que não diz respeito à sua experiência pessoal, mas a de um garoto que tenta roubar uma residência provavelmente carioca, assunto de que tomara conhecimento por meio do Gaúcho, o arrombador que lhe contara o episódio e que figura no conto como interlocutor imaginário do protagonista.

Se, por um lado, *Infância e Memórias do cárcere* compartilham o desenvolvimento cronológico linear e a difusão parcial pela imprensa, de outro, marcas significativas diferenciam as obras desde a perspectiva da poética narrativa. Distinguem-se, em primeiro lugar, por seu formato: *Infância* é organizada em capítulos autônomos, a serem acompanhados individualmente e, se o leitor o desejar, fora da sequência temporal. Da sua parte, *Memórias do cárcere* propõe um encadeamento cerrado e progressivo, que não pode ser alterado sob pena de comprometer seu sentido; além disso, há um ritmo no andamento da narrativa, com momentos de tensão maior (episódios transcorridos no vapor *Manaus* ou na Colônia Correccional) ou menor (reuniões no coletivo), que

15. Cf. RAMOS, Graciliano. Cena de prisão. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, Suplemento de Literatura e Arte, 15 jan. 1950. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano%20195&pesq=Cena%20de%20pris%C3%A3o. Acesso em: 18 out. 2018; RAMOS, Graciliano. Paraíba. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 abr. 1952. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano%20195&pesq=A%20mulher%20de%20oamanh%C3%A3. Acesso em: 18 out. 2018; RAMOS, Graciliano. Euclides de Oliveira. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 abr. 1952. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano%20195&pesq=Euclides%20de%20Oliveira. Acesso em: 18 out. 2018.

16. Relativamente à publicação de trechos das futuras *Memórias do cárcere* em periódicos, cf. NERY, 2006; SALLA, 2010.

determinam a respiração própria do texto, alternando-se entre a sístole e a diástole de seu coração literário.

A diferenciação mais notável entre os dois livros diz respeito à desproporção entre o tempo de permanência no presídio e o número de páginas da obra (inacabada), se cotejados esses valores com *Infância*, que cobre mais de dez anos da vida do escritor em 39 capítulos e aproximadamente trezentas páginas. *Memórias do cárcere*, cuja narrativa começa no dia em que Graciliano é preso e encerra antes de ele deixar a Casa de Correção, somando pouco mais de dez meses, ocupa quatro volumes em sua edição original, 870 páginas e 116 capítulos. Por sua vez, o período de doze dias na Colônia Correccional é assunto de quase todo o terceiro volume da tetralogia original.

Como o escritor não viu o livro impresso, não se pode cogitar que ele tivesse em mente produzir uma longa obra com objetivos financeiros. A primeira hipótese é a de que cada um dos episódios ficou gravado profundamente em sua interioridade, o que requisitou um delicado e detalhado esforço cirúrgico para extraí-lo de modo relativamente indolor.

Desse processo é testemunha o longo tempo que tomou a redação de *Memórias do cárcere*. Conforme Vanda Cunha Albieri Nery, as tentativas originais remontam a 1937, de que são testemunho duas versões manuscritas do texto, a primeira, sem data, contendo onze folhas (NERY, 2006, p. 44-45), e a segunda, de 55 folhas, iniciada em 16 de setembro (NERY, 2006, p. 46-47). É, porém, em janeiro de 1946 que o escritor retoma o projeto, demarcando uma distância de quase dez anos entre a concessão da liberdade e o início de sua composição, essa interrompida, conforme aquela pesquisadora, em setembro de 1951 (NERY, 2006, p. 44), como se sabe, sem ter sido concluída.

Ao longo do livro, Graciliano refere-se a seus problemas de elaboração do texto. Quando é detido, está em processo de revisão de *Angústia*, obra que o desagrada e que se vê obrigado a publicar por insistência de José Olympio, da esposa e dos amigos. Quando é enviado para a cadeia, leva consigo material que possibilitaria registrar os acontecimentos. Contudo, desde os primeiros dias, o autor confessa que não conseguia perseverar com as anotações, assim como tinha dificuldade em dar sequência às emendas do romance que concluía, o que o induz a aceitar a proposta de José Olympio, ainda que o desgoste a qualidade da obra, com a qual nunca se reconciliou. Ele também admite, para o leitor, que não guardara nenhum apontamento daquele tempo, dependendo, pois, tão somente de suas recordações: “Não resguardei os apontamentos obtidos em largos dias e meses de observação: num momento de aperto fui obrigado a atirá-los na água.” (RAMOS, 1954a, p. 9)

As observações parecem funcionar como uma espécie de salvo-conduto: dadas a distância temporal e a falta de registros, certamente seriam constatadas lacunas e imprecisões, antecipadamente desculpáveis. Porém, o que se verifica é um relato detalhado, que reproduz diálogos, características físicas das pessoas com as quais o escritor se deparou, nomes de seus companheiros de cela e de seus algozes, datas, cenários interiores e exteriores do cárcere, ao lado do encadeamento quase diário dos eventos, como se o escritor estivesse consultando uma agenda.

O trecho reproduzido a seguir, que narra a chegada de Graciliano à Ilha Grande, onde se localiza a Colônia Correccional, ilustra o rigor com que os ambientes são descritos:

Subi mais uns dois degraus, vi telhados, árvores, depois, mais para baixo, uma povoação e as tábuas de uma espécie de embarcadouro, aparentemente melhor que o de Mangaratiba.

A lancha atracou. Mergulhei os olhos no buraco onde ainda me achava meio enterrado, percebi alvoroço, homens agarrando embrulhos, fardos, sobretudos, maletas, sacos e as redes sertanejas inseparáveis dos nordestinos. Eram grandes e tinham aplicações várias, essas redes. Presas nos armadores, serviam de camas, cadeiras. Estendidas no chão, substituíam cobertores, lençóis. Dobravam-se, enrolavam-se, entre as varandas metiam-se objetos miúdos - supriam sem dificuldade os baús de folha usados no interior. [...] E ali estava no meio da escada, a valise debaixo do braço, leve, transportada maquinalmente. Dentro da valise, cuecas, lenços, duas camisas, dois ou três pares de meias, alguns lápis, um bloco de papel inocente e branco, bilhetes, cartas, fotografias, correspondência de minha mulher. Pouco me importava que tomassem tudo isso. Nada comprometedor. (RAMOS, 1954c, p. 51).

Também está presente o discurso direto, conferindo dinamismo ao texto por meio da exposição, em princípio acurada, dos diálogos ocorridos dez anos antes:

Declarei isto ao sargento.
Examinou-me, talvez procurando no meu rosto sinais de mentira.
- Que é que o senhor tem? perguntou áspero.
- Fui operado. Não consigo viajar depressa.
Refletiu, decidiu:
- Vou pedir um cavalo.
Isto me aborreceu: desagradava-me incomodar alguém.
- Talvez não seja preciso. Qual é a distância?
- Doze quilômetros de serra.
- Que horas são?
- Dez.
- A que hora devo chegar?
- A tarde. Chegando às seis chega bem.
- Obrigado, sargento. Não é necessário o cavalo. Vou a pé.
Voltou-se para os dois policiais:
- Este senhor está doente, não pode acompanhar os outros. Andem muito devagar com ele, parando para descansar. (RAMOS, 1954c, p. 53).

Tais exatidões podem resultar, de uma parte, do fato de Graciliano ser dotado de uma extraordinária memória, que faculta a reprodução de falas e comportamentos. De outra, podem suscitar suspeita no leitor, desconfiado de que a imaginação do escritor preencheu os vazios da lembrança, conjectura que não resiste por muito tempo, até porque ele poderia ter sido facilmente desmentido, pois se refere a pessoas vivas, com as quais ainda se relacionava. Em 1945, filiara-se ao Partido Comunista e interagiu com vários de seus próceres, que tinham sido companheiros em um ou mais presídios por onde andara.

É certo que, após a publicação de *Memórias do cárcere*, representantes oficiais do Partido Comunista rejeitaram o livro, não, porém, por inexatidões, mas por não ter apresentado figuras pertencentes a seus quadros como entes heroicos, líderes da resistência à repressão do Estado

Novo e propagadores de seus ideais políticos e sociais (RAMOS, 1992).¹⁷ Assim, as reminiscências de Graciliano são confiáveis, o que alça seu livro à condição de literatura de testemunho,¹⁸ depondo sobre um período sórdido da história brasileira.

É de pensar, porém, não ser essa a única razão para não desconfiar de Graciliano, nove fora o fato de, passados mais de sessenta anos desde o lançamento do livro, sua obra permanecer válida. Sua legitimidade advém da autenticidade da narração, resultante, por sua vez, da rejeição, pelo autor, do confessionalismo. Essa recusa é expressa desde as primeiras páginas do livro, aparecendo como fechamento do capítulo inicial:

Desgosta-me usar a primeira pessoa. Se se tratasse de ficção, bem: fala um sujeito mais ou menos imaginário; fora daí é desagradável adotar o pronomezinho irritante, embora se façam malabarismos por evitá-lo. Desculpo-me alegando que ele me facilita a narração. Além disso não desejo ultrapassar o meu tamanho ordinário. Esgueirar-me-ei para os cantos obscuros, fugirei às discussões, esconder-me-ei prudente por detrás dos que merecem patentear-se. (RAMOS, 1954a, p. 11).

Assim, ainda que lide com a memória, deixa na sombra a interioridade mais profunda. Ele não apenas narra com objetividade, mas vê a si mesmo de fora para dentro. Não são poucas as cenas em que se coloca na frente do espelho, fazendo questão de reproduzir a imagem externa, similar à que os outros têm dele:

Desembocamos numa espécie de antecâmara; vi na parede um espelho, avizinhei-me dele. Não contive uma exclamação de espanto:
- Que vagabundo monstruoso!
Estava medonho. Magro, barbado, covas no rosto cheio de pregas, os olhos duros encovados. Demorei-me um pouco diante do espelho. Não podia ver-me na Colônia, de nenhum modo avaliava os estragos, a medonha devastação. (RAMOS, 1954d, p. 9).

Por isso, também comparecem cenas em que os parceiros de cárcere, seus dirigentes ou prisioneiros comuns comentam sua aparência: “- Você está morto, rapaz. Quantos dias faz que não come?” (RAMOS, 1954d, p. 9).

Com isso, Graciliano não posa de vítima, ainda que tenha sofrido com a alimentação de péssima qualidade, com os percebejos, com a doença que o acomete e que permanece como cicatriz para sempre. Nem ele deseja passar por sofredor, tanto que dá vazão a seu mau humor, não tem paciência com a esposa, às vezes exposta como histérica e ciumenta, e revela seus preconceitos¹⁹,

17. Jacob Gorender também se refere à reação dos dirigentes comunistas à obra de Graciliano Ramos. Lembra que *Viagens*, em que relata a visita da “delegação de intelectuais brasileiros” à União Soviética, já os tinha desagradado. A seguir, complementa: “Muito mais áspera teria de ser a divergência, quando se tratou de *Memórias do cárcere*, em 1953. Graciliano reproduz os fatos vivenciados e observados apoiado nas recordações, sem contar com as anotações perdidas. O tom da narrativa é realista, às vezes naturalista. Ausência completa de hagiografia. Os personagens não são mencionados com pseudônimos, mas recebem os nomes verdadeiros e ninguém é apresentado como santo, destituído de defeitos ou imune a fraquezas e tentações. O autor escreve sobre a bravura dos bravos e atribui coragem aos corajosos. Porém todos são seres com virtudes e defeitos, figuras que não ultrapassam a condição do gênero humano. Ninguém é super-homem” (GORENDER, 1995, p. 327). Quanto à polêmica suscitada por Wilson Martins, em 1953, de que o livro teria sido adulterado para agradar às lideranças do Partido Comunista, cf. NERY, 2006; BORTOLOTTI, 2013.

18. Cf. BOSI, 1995, p. 309-322.

19. A homossexualidade, por exemplo, provoca-lhe profunda ojeriza, o que motiva seu comentário: “Na verdade era impossível transformar-me, vencer o nojo que esses desvios me causavam. Era um nojo profundo, e em vão buscava livrar-me dele. Mas uma evidência entrava a impressionar-me: na torpeza nauseante havia alguma coisa muito pura”. (RAMOS, 1954c, p. 130).

de que tem ciência, mas que não pode evitar. Sua personalidade não é simpática, nem ele se apresenta como pessoa caridosa, gentil, amável ou compreensiva. Não que cometa algum mal ou prejudique outros; quando pode, ajuda, mas consciente de suas limitações.

Desse modo, se, de um lado, a narrativa não exhibe lapsos cronológicos, os episódios seguindo-se de modo contínuo e compacto, de outro, uma formidável lacuna se evidencia: a do eu de Graciliano, ainda que ele narre em primeira pessoa. É como se a narrativa não deixasse escoar o centro da dor, jamais verbalizado. Este contingenciamento do dissabor, calado do começo ao final do relato, torna-o sóbrio, mas não oculta o principal – o trauma que traz escondido. A pena que não pode cumprir porque não fora acusado, e nem podia ser, porque não era culpado, transforma-se em outra penalidade – a de ter saído da prisão, sem jamais tê-la abandonado.

A falta – que seria externa, por constituir algum tipo de crime – converte-se em carência interna, um mal que nem o registro escrito compensa, não podendo, pois, jamais ser concluído. Graciliano, assim, parece permanecer confinado, agora dentro de si mesmo, mas procurando no relato a tábua de salvação. Com isso, corporifica, em seu texto, não apenas a repressão com que opera um regime político ditatorial, como fora o de Vargas, e para o qual acabou trabalhando, mas também os efeitos permanentes que ele produz nos seres humanos, tornando-os prisioneiros perenes, sem remissão.

Memórias do cárcere é, pois, um livro de denúncia e um testemunho sombrio e verdadeiro relativo a um período da história brasileira sobre o qual, à época, e depois, não se podia falar. Quando as represas abriram as comportas, a fala não se liberou na mesma proporção, pois conchavos se fizeram, e muitos dos antigos adversários tornaram-se companheiros do então ditador e, depois, presidente eleito da República.

O próprio Graciliano procedeu a esses acordos, ainda de que forma constrangida, a começar pela visita a Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde da administração Vargas, logo após ser liberado da prisão. Depois, “é nomeado, diretamente pelo presidente da República, inspetor de ensino no Ministério da Educação e Saúde, o que lhe assegur[ou] uma pequena remuneração mensal fixa” (RAMOS, 1992, p. 172), a seu ver, uma “sinecura como outra qualquer”, como define em 1948 na entrevista a Homero de Senna, publicada na *Revista do Globo* (SENNA, 2014, p. 199).²⁰

Por essas e por outras, tal como as alianças posteriores com Getúlio Vargas por parte de Luís Carlos Prestes e do Partido Comunista, Graciliano Ramos não se sentiu à vontade para criticar o ditador, embora condene “a ditadura sem freio” (RAMOS, 1954a, p. 30) imposta ao país. Eneida de Moraes, com quem compartilhou o Pavilhão dos Primários, critica o escritor por essa conivência, quando observa que, se escrevesse suas memórias do período, não agiria da mesma maneira: “Está claro que jamais seria capaz de escrevê-las [as memórias] com aquela perfeição de Graciliano; mas, em todo caso, se a fizesse, jamais tentaria atenuar a responsabilidade de Vargas o ditador, como Graça procurou fazê-lo” (MORAES, 1953, p. 2).

Assim, se o Brasil não continuou o mesmo, também não se transformou radicalmente. *Memórias do cárcere* é o resultado do hibridismo congênito à história nacional, porque traduz não a ruptura com um período, mas sua permanência. O cárcere continuou; por isso, não podia deixar de aparecer no título do livro. Por sua vez, mesmo que talvez tenha se julgado conivente em algum momento, Graciliano conservou-se autêntico e independente. O Partido não o perdoou,

20. Originalmente em *Revista do Globo*, São Paulo, v. 20, n. 473, p. 39, 18 dez. 1948. Reproduzida em: LEBENSZTAYN; SALLA, 2014, p. 188-201. Graciliano Ramos também trabalhou, por um tempo, como revisor da *Cultura Política*, editada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda do governo Vargas. Cf. a respeito SALLA, 2010.

mas não precisava fazê-lo, pois o próprio escritor se culpabilizou de alguma maneira, carregando as penalidades até a morte.

Talvez tenha sido um sacrifício vão, porque o país continuou sua trajetória, e os políticos nunca deixaram de lado o hibridismo, a ambiguidade e, muitas vezes, a má-fé. Mas o livro aí está, e sua presença permanece exigindo de seus leitores não apenas compreensão, mas também o perdão que libere seu autor de uma condenação imerecida.

Referências

BARBOSA, Francisco de Assis. Graciliano Ramos, aos cinquenta anos. *In: LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio (org.). Conversas: Graciliano Ramos.* Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 110-130.

BORTOLOTTI, Marcelo. Quem mexeu nas *Memórias do cárcere*. *Época*, São Paulo, 14 jun. 2013. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2013/06/quem-mexeu-nas-memorias-do-carcere.html>. Acesso em: 17 out. 2018.

BOSI, Alfredo. A escrita do testemunho em *Memórias do Cárcere*. *Estudos Avançados* (23), 1995, p. 309-322.

CONDÉ, José. Graciliano Ramos. *In: LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio (org.). Conversas: Graciliano Ramos.* Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 81-87.

FACÓ, Rui. Graciliano Ramos, escritor do povo e militante do PC. *In: LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio (org.). Conversas: Graciliano Ramos.* Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 157-163.

GORENDER, Jacob. Graciliano Ramos: lembranças tangenciais. *Estudos Avançados* (23), 1995, p. 323-331.

LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio (org.). *Conversas: Graciliano Ramos.* Rio de Janeiro: Record, 2014.

MORAES, Eneida de. Ouvindo personagens de *Memórias do cárcere*. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 2-4, 29 nov. 1953.

NERY, Vanda Cunha Albieri. *Narrativa da criação: a gênese de Memórias do cárcere*. São Paulo: Edições Inteligentes, 2006.

PACHECO, Armando. Graciliano Ramos conta como escreveu *Infância*, seu recente livro de memórias. *In: LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio (org.). Conversas: Graciliano Ramos.* Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 164-172.

PARA todos. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 4, 20 mar. 1947. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_02&pesq=Vidas%20Secas. Acesso em: 13 maio 2018.

RAMOS, Clara. *Cadeia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. 41. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere: volume 1 – viagens*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954a.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere: volume 2 – pavilhão dos primários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954b.

- RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*: volume 3 – colônia correcional. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954c.
- RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*: volume 4 – casa de correção. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954d.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.
- RAMOS, Ricardo. Explicação final. In: RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*: volume 4 – casa de correção. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. p. 162-164.
- SALLA, Thiago Mia. *O fio da navalha*: Graciliano Ramos e a revista *Cultura Política*. 2010. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- SANTIAGO, Silviano. *Em liberdade*: uma ficção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- SANTNER, Eric L. La historia más allá del principio del placer: algunas ideas sobre la representación del trauma. In: FRIEDLANDER, Saul (org.). *En torno a los límites de la representación*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes Editorial, 2007. p. 219-236.
- SENNA, Homero. Como eles são fora da literatura. In: LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio (org.). *Conversas*: Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 188-206.
- SILVEIRA, Joel. Graciliano Ramos conta sua vida. In: LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio (org.). *Conversas*: Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Record, 2014a. p. 88-96.
- SILVEIRA, Joel. Perfil apressado do velho Graça. In: LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio (org.). *Conversas*: Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Record, 2014b. p. 173-179.